



Notícias do Mundo

BARCELONA

Novo museu reproduz habitats científicos

Se Barcelona não fosse marcada pela arquitetura singular de Gaudí e pelos museus com as obras de Miró e Picasso, entre tantos outros, continuaria sendo o centro de efervescência cultural sintetizado no movimento das Ramblas – espécie de grande calçada que liga a avenida próxima ao cais com o centro – que atrai enorme quantidade de pessoas, muitos turistas, de toda a Europa e de outros continentes. Em novembro passado, a capital catalã adicionou mais um endereço em seu roteiro privilegiado: o Museu de Ciência da Fundação La Caixa da Espanha, ampla área de 50 mil metros quadrados dedicados a aproximar a sociedade das questões científicas. Batizado de *CosmoCaixa Barcelona*, o museu foi montado num antigo prédio modernista, que sofreu obras de restauração e se expandiu pelo subterrâneo, numa solução criativa a cargo dos arquitetos Esteve e Robert Terradas. Múltiplas entradas de luz solar garantem claridade e a sensação de que se está à superfície, enquanto, lá fora, as pessoas caminham pelo teto do museu, com uma visão panorâmica das



LIBBY S. LARA

Novo museu científico instalado em prédio modernista que foi restaurado

exposições que estão 27 metros abaixo de seus pés. A inclusão de diferentes cientistas, museólogos, educadores e arquitetos desde as primeiras discussões do projeto é um dos traços da nova concepção de museologia proposta pelo físico Jorge Wagensberg, há 12 anos à frente da instituição. Uma de suas marcas é a presença constante de objetos reais nas exposições, que estimulem o público a refletir, formular hipóteses, errar e chegar a algumas conclusões, numa representação da rotina científica.

HABITATS ORIGINAIS Entre as exposições permanentes está a denominada Muro Geológico que agrega cortes rochosos com

estruturas geológicas que podem ser encontradas em qualquer lugar do mundo. As pesadas peças, no entanto, foram trazidas de seus locais de origem por Wagensberg com o objetivo de mostrar movimentos e reações físico-químicas que podem ter durado centenas de milhões de anos. Uma delas é brasileira, retirada no interior de São Paulo. Outra área impressionante é a que reproduz um fragmento da floresta amazônica: ali convivem jacarés, capivaras, aves, peixes e primatas em uma atmosfera controlada por computadores para garantir as pancadas de chuvas e o típico calor úmido. O planejamento do espaço permite aos observadores

MUN

uma visão que vai da copa das árvores ao fundo do rio.

ESPAÇO PARA O DEBATE Para contemplar as variadas discussões que perpassam a ciência, o *CosmoCaixa* possui exposições temporárias como as atuais “Os Iguanos”, que apresenta seis esqueletos de iguanodontes de Bernissart (Bélgica) – um dos grupos de dinossauros melhor conservados no mundo – além de “A Linha Vermelha”: que expõe formas de obter madeira sem danificar a floresta, e pretende discutir a importância da sustentabilidade. Existem, ainda, espaços destinados ao debate de temas da atualidade e de

interesse social, como o planetário e 11 auditórios.

Para o diretor, embora o objetivo principal de centros e museus de ciências não seja a educação, ele defende que o mais importante é motivar os visitantes a mudarem sua atitude em relação ao conhecimento científico. Uma das ambições do novo museu é tornar-se um centro de referência internacional. O primeiro passo nesse sentido foi dado em novembro passado, quando sediou o Congresso Anual do Ecsite – entidade que reúne museus, centros e institutos científicos de 25 países europeus.

Germana Barata



Reprodução

FÓRUM SOCIAL EUROPEU

Em debate as novas formas de controle da produção e da vida

Mais de 500 anos após o início do processo de acumulação primitiva, descrito por Karl Marx há pouco mais de um século no capítulo 25 do livro primeiro de *O Capital*, um processo análogo pode estar ocorrendo na atualidade. É o que sustentam alguns movimentos sociais, liderados pela ONG canadense ETC Group (Grupo de Ação sobre Erosão, Tecnologias e Concentração). Segundo eles, as grandes corporações estariam, com o uso da tecnologia, promovendo novos “cercamentos” (*new enclosures*, no termo em inglês). Da mesma forma como as terras comunais foram sendo “cercadas” e tomadas por aqueles que se tornaram os donos dos meios de produção, hoje os grandes proprietários, as empresas, usam



Unep/S. Lera

Museu de Barcelona reproduz ambientes amazônicos